

Comunicação + plural

cartilha para
uma linguagem
mais inclusiva




nós
PESQUISACRIATIVA



Comunicação **+** *plural*

cartilha para
uma linguagem
mais inclusiva

1.^a edição

Santa Maria
Pró-Reitoria de Extensão | UFSM
2022



C741 Comunicação + plural [recurso eletrônico] : cartilha para uma linguagem mais inclusiva / [Juliana Petermann ... [et al.] ; organizadores: Juliana Petermann ... [et al.] ; ilustrações: Freepik]. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, Nós Pesquisa Criativa, 2022.
1 e-book. : il.

ISBN 978-85-67104-78-2

1. Língua portuguesa – Linguagem inclusiva 2. Comunicação
I. Petermann, Juliana II. Freepik

CDU 806.90:37

Ficha catalográfica elaborada por Lizandra Veleda Arabidian - CRB-10/1492
Biblioteca Central - UFSM

Reitor

Luciano Schuch

Vice-Reitora

Martha Bohrer Adaime

Pró-Reitor de Extensão

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Pró-Reitora de Extensão

Substituta

Cultura e Arte

Vera Lucia Portinho Vianna

Articulação e Fomento à Extensão

Rudiney Soares Pereira

Desenvolvimento

Regional e Cidadania

Jaciele Carine Sell

Subdivisão de Divulgação e Eventos

Aline Berneira Saldanha

Revisão Textual

Andressa Marchesan

Organizadores:

Juliana Petermann

Carolina Minuzzi

Ariadni Loose

Lucas Schuch

Arion Fernandes

Lara Timm Cezar

Autores:

Juliana Petermann

Carolina Minuzzi

Anderson Scherer

Naiara Canabarro

Hallana da Rosa Vitória

Projeto gráfico e diagramação:

Ariadni Loose

Ilustrações:

Freepik

Revisão textual:

Lara Timm Cezar

Fernanda Sagrilo Andres

Conselho Editorial

Profª. Adriana dos Santos Marmori Lima

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profª. Olgamir Amancia Ferreira

Universidade de Brasília - UnB

Profª. Lucilene Maria de Sousa

Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof. José Pereira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Profª. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Prof. Olney Vieira da Motta

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro - UENF

Prof. Leonardo José Steil

Universidade Federal do ABC - UFABC

Profª. Simone Cristina Castanho Sabaini de Melo

Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Profª. Tatiana Ribeiro Velloso

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Odair França de Carvalho

Universidade de Pernambuco - UPE

Câmara de Extensão

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Presidente

Rudiney Soares Pereira

Vice-Presidente

José Orion Martins Ribeiro

PROPLAN

Marcia Regina Medeiros Veiga

PROGRAD

Denise Teresinha Antonelli da Veiga

CCS

Monica Elisa Dias Pons

CCSH

Andre Weissheimer de Borba

CCNE

Suzimary Specht

Politécnico

Marta Rosa Borin

CE

Luciane Sanchotene Etchepare Daronco

CEFD

Marcia Henke

CTISM

Adriano Rudi Maixner

CCR

Graciela Rabuske Hendges

CAL

Andrea Schwertner Charao

CT

Tanea Maria Bisognin Garlet

Palmeira das Missões

Fabio Beck

Cachoeira do Sul

Evandro Preuss

Frederico Westphalen

Regis Moreira Reis

TAE

Elisete Kronbauer

TAE

Suélen Ghedini Martinelli

TAE

Isabelle Rossatto Cesa

DCE

Daniel Lucas Balin

DCE

Jadete Barbosa Lambert

Sociedade

Parecerista Ad hoc

Lana D'Ávila Campanella

Cartilha aprovada em sessão ordinária da Câmara de Extensão no dia 03/09/2021.

Sumário

QUESTÕES DE GÊNERO

p. 11

QUESTÕES LGBTQIA+

p.15

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

p. 20

QUESTÕES RELACIONADAS A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

p. 24

Apresentação

Esta cartilha é uma ferramenta para estabelecermos relações mais igualitárias entre nós, seres humanos, que compartilhamos espaços, vivências e projetos. A intenção deste material é oferecer subsídios a respeito da linguagem e de seus usos em nosso cotidiano de forma que nossa convivência se torne cada vez mais harmoniosa e respeitosa. Segundo Fairclough (2001), mudanças sociais começam pelas práticas textuais e discursivas, e, dessa forma, percebemos nossa linguagem como agente de transformação social. Assim, apresentamos aqui um compilado de diferentes construções de linguagem, que permitem uma comunicação antissexista, antirracista, não LGBTfóbica, não xenofóbica e não preconceituosa. Temos intenção de propor a utilização de termos alternativos, além da exclusão de formas ultrapassadas de manifestar-se diante de uma situação ou referir-se a uma pessoa. A linguagem, quando inclusiva, auxilia na formação social para que as pessoas se sintam pertencentes, além de preservar suas identidades. A linguagem é um instrumento flexível, em constante transformação, podendo ser adaptada conforme as práticas sociais da contemporaneidade. Portanto, a linguagem é instrumento em trânsito. Mudanças discursivas podem ser sentidas em âmbito social, promovendo inclusão e empoderamento. No entanto, é preciso exercitar e praticar, estando vigilantes aos usos que fazemos e porquê o fazemos. É preciso questionar constantemente: por que eu escolhi este termo invés de outro?



Nossa cartilha foi criada com o objetivo de ser um manual, com dicas simples e fáceis para que as pessoas possam utilizar no dia a dia. Ela está de acordo com as normas da nossa Língua Portuguesa. O conteúdo deste material foi dividido em quatro seções que discorrem sobre a linguagem inclusiva em relação às questões de gênero, às questões da sexualidade LGBTQIA+, às questões étnico-raciais e às questões que dizem respeito às pessoas com deficiência. Essa divisão foi necessária tendo em vista que para cada grupo foi preciso um olhar diferenciado a partir das condições sociais e da linguagem, de forma específica.

Em relação à metodologia deste trabalho: realizamos análise documental e pesquisa bibliográfica em diferentes materiais sobre linguagem e sobre questões sociais. Todos materiais estão disponíveis nas referências bibliográficas. Além disso, são também fomento para esta cartilha, os inúmeros exercícios que já realizamos em sala de aula, em diferentes disciplinas do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal de Santa Maria.



QUESTÕES DE GÊNERO



Gênero

A linguagem é um dos mais importantes agentes de socialização de gênero. A Língua Portuguesa pode ser considerada sexista[1], pois foi construída a partir de um pensamento androcêntrico[2], que torna o masculino como a medida universal. É por meio da linguagem que as histórias sobre o mundo são contadas, sendo capazes de tornar invisível a presença das mulheres na construção das sociedades.

A partir das dicas abaixo, pretendemos demonstrar como é possível incluir as pessoas do gênero feminino de forma legítima, a partir de recursos da Língua Portuguesa:

1. Não utilize o masculino como universal:

Exemplo:

-Todos estão convidados.

Alternativas para esse uso:

*Flexione as palavras:

- Todas e todos podem comparecer.

*Procure utilizar palavras universais:

- Docentes e discentes podem comparecer.

*Suprima os artigos definidos:

-Estudantes estão se preparando para o Enem.

[1] Sexista vem da palavra sexismo: teoria que defende a superioridade de um sexo, geralmente o masculino, sobre o outro (TOLEDO, et al 2014).

[2] Visão do mundo centrada no ponto de vista masculino (TOLEDO et al. 2014).

2. Não colocar a palavra no masculino e flexionar com “(a) ou /a”:

Exemplos:

- Os(as) alunos(as) irão para a viagem.
- O/a professor/a pode chamar atenção quando necessário.

Essa é uma questão simbólica, pois continuamos limitando o espaço das mulheres ou colocando-as em segundo plano.

Alternativas para esse uso:

- Estudantes irão para a viagem.
- Docentes podem chamar a atenção quando necessário.

3. Substituir aquele(s) por quem (do pronome relativo que):

Exemplo:

- Aqueles que souberem, que o façam.

Alternativa para esse uso:

- Quem souber, que o faça.

4. Substituir homem por alguém ou qualquer:

Exemplo:

- Quando o homem não tem saúde, tudo é mais difícil.

Alternativa para esse uso:

- Quando alguém não tem saúde, tudo é mais difícil.

5. Problema de estereótipo:

Exemplo:

- Todos os trabalhadores poderão ir ao jantar com as suas esposas.

Nesse caso, está implícita a ideia de que todas as pessoas que trabalham são homens.

Alternativa para esse uso:

- Todas e todos que trabalham poderão levar uma companhia ao jantar.

6. Não usar o feminino para a questão privada ou que denote posse das mulheres:

Exemplo:

- A mulher do Pedro.

Alternativa para esse uso:

Utilizar o nome da pessoa em questão.

Exemplo:

- Deu a mão de sua filha em casamento.

Alternativa para esse uso:

- Ela casou-se.

7. Não usar frases estereotipadas que consolidem papéis tradicionais:

Exemplo:

- Se queria trabalhar, por que teve filhos?

Não existem alternativas para esse uso. A solução é não usar.

8. Não invisibilizar as mulheres:

Exemplo:

- 12% na saúde: uma conquista de todos os gaúchos.

Alternativa para esse uso:

- 12% na saúde: uma conquista de todas as pessoas que moram no Rio Grande do Sul.

9. Não comece falando no masculino (como se fosse genérico) e depois continue a frase:

Exemplo:

- O êxodo rural é muito marcado pelos jovens e pelas mulheres.

Alternativa para esse uso:

- O êxodo rural é muito marcado pela juventude e pelas mulheres.

Exemplo:

- Os indígenas que trabalham na terra contam com a ajuda das mulheres da comunidade.

Alternativa para esse uso:

- As mulheres indígenas ajudam as pessoas que trabalham na terra em sua comunidade.

10. Não manifeste formas de tratamento que implicam inferioridade, menosprezo ou desvalorização:

Exemplo:

- Médicos e enfermeiras que deixam seu lar para ajudar as pessoas em regiões de conflito.

Alternativa para esse uso:

- Profissionais da saúde que deixam seu lar para ajudar as pessoas em regiões de conflito.

QUESTÕES LGBTQIA+



LGBTQIA+

Neste momento, vamos discorrer sobre as diferentes formas de abordar a diversidade sexual e de gênero que existe entre nós, seres humanos. É aqui que devemos entender a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Quando vamos nos referir a uma pessoa, vamos levar em consideração seu gênero, que pode ser: masculino, feminino, não-binário ou ainda sem definição. O que importa é como a pessoa se autodenomina e afirma.

A pessoa Cisgênero é aquela que se identifica com o gênero designado no nascimento. Já a pessoa Transgênero não se identifica com o gênero imposto no nascimento. O termo não-binário é um termo guarda-chuva que abarca todas as identidades de gênero as quais não são exclusivamente masculinas ou femininas, estando fora do binário de gênero e que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, fluidez em suas identificações. Identidade de gênero diz respeito à forma como a pessoa se percebe e se coloca na sociedade. Já a orientação sexual diz respeito aos desejos afetivo-sexuais de cada pessoa.

Então, vamos discorrer sobre algumas classificações da sexualidade:

O termo orientação sexual é o correto para designar a sexualidade das pessoas.

Não utilize opção sexual, pois a sexualidade não é uma opção!
Não use a palavra homossexualismo, pois o termo possui conotação de patologia, como se a orientação sexual fosse uma doença!

Você pode usar homossexualidade.

Lésbicas: São mulheres que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo gênero.

Não utilize o termo sapatão, é um termo de resistência utilizado pelas próprias mulheres lésbicas;

Não utilize o termo “homenzinho” ou “machorra” ou “mulher-macho”, a orientação sexual não interfere no gênero da pessoa;

Cuidado com o fetiche do casal de lésbicas;

Lembre-se: não existe um estereótipo de mulher lésbica. Evite reducionismo!

Gays: São homens que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo gênero.

Não dê ênfase a dubiedade com humor: Será que ele é?

Não associe à promiscuidade;

Não associe à prostituição;

Evite caricaturas dos homens gays;

Evite o foco apenas em gays heteronormativos;

Não dê ênfase apenas ao afeminado, mas também não o exclua;

Lembre-se: não existe um estereótipo de homem gay.

Evite reducionismo!

Bissexuais: Mulheres ou homens que sentem atração por qualquer identidade de gênero (masculina, feminina e não-binária).

Não associe à promiscuidade e à indecisão ou menospreze essa identidade. Pessoas bissexuais geralmente são retratadas como inseguras em relação à sua sexualidade.

Transexuais: Pessoas transexuais são homens ou mulheres cujo gênero definido no nascimento é diferente do gênero que se identificam. O prefixo “TRANS” significa “além de”. São pessoas que atravessam a determinação de gênero imposta no momento do nascimento pelo sexo biológico dentro de uma ótica binária e radical baseada apenas no sexo.

Quando uma pessoa realiza a transição de gênero, devemos utilizar os pronomes pelos quais ela se identifica, e não os que foram impostos no momento de seu nascimento. Por exemplo: no nascimento de uma pessoa, foi definido que era homem, mas, ao longo de sua vida, ela percebeu que não se identificava com o gênero masculino, e sim com o feminino. Assim, iniciou o processo de transição de gênero. A partir do descobrimento que era uma pessoa transexual, essa pessoa identifica-se como uma MULHER TRANS.

Não esqueça dos HOMENS TRANS que também realizaram essa travessia de gênero, pois muitas vezes são invisibilizados dentro das próprias discussões de gênero.

Travestis: Esse é um termo brasileiro e diferente do que aparenta para muitos, não se trata de um termo pejorativo por si. A identidade se refere a pessoas que, diferentemente dos transexuais, não fazem essa “travessia” completamente, isto é, não negam um gênero em prol do outro. Travestis podem transitar entre os gêneros de maneira performática e questionando os limites do gênero.

É o caso da “bixa travesti” ou “transviada”.

Devemos usar “a” travesti”.

Antes de mais nada, respeite a identidade de gênero com a qual a pessoa se identifica, na dúvida, pergunte e trate com naturalidade. Não sexualize ou associe à prostituição: Mulheres trans são praticamente empurradas para o mercado sexual. A falta de oportunidades no mercado de trabalho, gerada pelo preconceito e pela segregação social, faz com que 90% das mulheres trans trabalhem com prostituição. Há outras narrativas e possibilidades de vida. E tudo começa com o respeito e a naturalização de todas as expressões de gênero.

Evite caricaturas relacionadas ao humor. Tente ajudar a comunidade de alguma forma. Para pessoas trans, visibilidade é uma questão de sobrevivência, ainda mais no Brasil, um dos países que mais mata pessoas trans no mundo. Aqui, a expectativa de vida de uma mulher trans é de 35 anos. Portanto, seria interessante projetos que fomentem imagens positivas de pessoas trans.

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS



ÉTNICO-RACIAIS

Sobre as diferenças étnico-raciais, principalmente no que diz respeito à religião judaica e às pessoas indígenas e negras. Nós vamos mostrar algumas expressões pejorativas que, infelizmente, ainda estão presentes em nosso cotidiano e que acabam por menosprezar as pessoas pela sua cultura e identidade. Essas expressões precisam sair do nosso vocabulário urgentemente, pois além de agredirem psicologicamente, são termos que ofendem e violentam indivíduos que devem ser tratados com respeito e equidade.

Não utilize o termo judiar ou judiaria.

Esses termos possuem o sentido de maltratar ou atormentar. Entretanto, essas expressões referem-se ao povo judeu, que foi vítima de perseguição e holocausto, um momento histórico extremamente cruel e que não deve ser esquecido para não ser repetido jamais.

Não utilize o termo indiada.

A palavra é utilizada para se referir a um acontecimento que foi ruim, difícil ou trabalhoso. E quando é colocada em alguma frase, a expressão é preconceituosa, pois inferioriza o trabalho do povo indígena.

NEGRITUDE.

Por conta da escravização do povo negro e da falta de políticas de socialização, o racismo se tornou estrutural e uma consequência dessa estrutura está presente em nossa língua/comunicação. Sendo assim, existem muitas expressões que foram criadas para inferiorizar e ofender o povo negro, mas não foram retiradas do nosso cotidiano. Segue abaixo algumas expressões que são ofensivas e que podem ser facilmente substituídas:

“A coisa tá preta” por “essa situação está complicada”;

“Mercado negro” por “comércio ilegal”;

“Denegrir” por “manchar a imagem” ou “difamar”.

Não utilize a expressão “Fazer nas coxas”

A expressão é usada quando se faz algo de forma desleixada, de qualquer jeito. O termo surgiu pois as pessoas negras escravizadas moldavam as telhas em suas coxas. Devido aos diferentes formatos de corpos, elas acabam não se encaixando corretamente, ou seja, dava a entender que o trabalho havia sido mal feito. Evite essa expressão!

Criado-mudo.

As pessoas escravizadas que faziam o serviço doméstico eram chamadas de criados. Geralmente, passavam a noite imóveis ao lado da cama, segurando um copo d’água para as pessoas brancas que as escravizavam. Substitua essa expressão por mesa de cabeceira e não reforce esse preconceito!

Quando quiser se referir a cor da pele de uma pessoa negra/parda, chame-a de negra, negro ou parda

Falar isso significa que você entende que essa pessoa faz parte da sociedade como você, mas não em todos sentidos, obviamente, pois existem as questões referentes ao privilégio branco. Vale ressaltar que as pessoas negras merecem ser tratadas com respeito e que suas presenças valem muito mais do que cumprir cota, porque é politicamente correto, mas sim por que os espaços em que estão inseridas irão oportunizar reconhecimento enquanto seres humanos, crescimento profissional e pessoal.

Ainda, evite utilizar expressões a seguir, pois elas são preconceituosas:

- Da cor do pecado
- Não sou tuas negas
- Beleza exótica
- Inveja branca
- Meia-tigela
- Cabelo ruim
- Lista negra
- Doméstica
- Amanhã é dia de branco
- Ter um pé na cozinha
- A dar com pau
- Negra de traços finos
- Serviço de preto
- Ovelha negra
- Magia negra
- Negão
- Negona
- Vou pegar um sol para ficar preta
- Moreninha
- Mulata
- Negrinha
- Até é bonita para uma negra

**QUESTÕES
RELACIONADAS
A PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA**



PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Nunca diga que alguém é “portador” de necessidades especiais ou de tal deficiência. O termo caiu em desuso, já que a pessoa com deficiência não ‘porta’ a deficiência, esta faz parte de quem ela é.

Deficiente visual NÃO é ceguinho
Deficiente físico NÃO é aleijado
Deficiente intelectual NÃO é retardado
Deficiente auditivo NÃO é mudinho
Deficiente múltiplo NÃO é inválido

Então, como tornar a linguagem mais inclusiva?

Comece deixando de lado o tom de piedade. Pessoas com deficiência são, acima de tudo, PESSOAS, com nome, histórias e individualidades.

É de extrema importância acrescentar o termo “pessoa” antes da deficiência, isso faz com que ela não se resuma apenas na sua deficiência.

Comunicação + plural: cartilha para uma linguagem mais inclusiva

Entenda os diferentes tipos de deficiência:

Cegueira.

Pessoas com deficiência visual igual ou inferior a 0.05 no seu melhor olho. São chamadas de CEGAS.

Baixa visão.

Ocorre quando a pessoa tem muita dificuldade para enxergar, mesmo com a melhor correção óptica. A pessoa não se enquadra como cega, mas também tem deficiência visual.

Deficiência Física.

Ela não engloba todos os tipos de deficiência como muitos acreditam. Ela diz respeito apenas às pessoas com limitações relacionadas aos aspectos físicos e motores, como ausência de membros, paralisias, entre outras causas.

É importante saber que o termo “**cadeira de rodas elétrica**” é **incorreto**. Ela chama-se cadeira de rodas motorizada, já que tem um motor que a faz funcionar.

Deficiência Intelectual.

Não é uma doença, é um sintoma no qual a pessoa com deficiência tem seu próprio tempo cognitivo. É errado classificá-la como leve, moderada, severa ou profunda. Esses termos caíram em desuso em 1992, porque a pessoa com deficiência intelectual não pode ser qualificada isoladamente, sem levar em consideração os apoios que recebe ou não para a sua efetiva participação social, profissional ou estudantil.

Deficiência Auditiva.

Refere-se às pessoas que não ouvem, parcial ou totalmente, sem especificar os graus da perda auditiva. Em situações informais, termos como “pessoas surdas”, “com surdez”, “com perda parcial de audição (baixa audição)”, “comunidade surda”, entre outros, surgem de forma não preconceituosa. Saiba que nem toda pessoa surda é muda.

Considerações finais



Esta cartilha foi elaborada porque acreditamos na força da linguagem. Acreditamos que mudando o discurso, mudamos também as práticas (FAIRCLUGH, 2001). Ao mudarmos a linguagem, nós mudamos e também o nosso entorno. Não é tarefa simples, sabemos. Porém, isso também não nos tira o desejo de contribuir, ao nosso modo, com tais transformações. Ao longo dos últimos anos, vimos o discurso publicitário mudar: outras cores, outros corpos, outros códigos. Tornou-se mais inclusivo, mais diverso, mais representativo. Não é o bastante ainda. Mas são avanços importantes e que nos mostram que mudar a linguagem, especialmente a midiática, é um passo fundamental para uma sociedade menos desigual.

Este material foi produzido por muitas mãos e contou com estudos e com o trabalho precursor de outras pessoas e instituições que elaboraram outros materiais que consultamos e que foram base e incentivo para nós. Da mesma forma, esperamos que nossa cartilha possa circular e incentivar tanto modificações discursivas quanto outras produções sobre o tema. Agradecemos especialmente à Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Santa Maria, pela possibilidade de publicar esta cartilha.

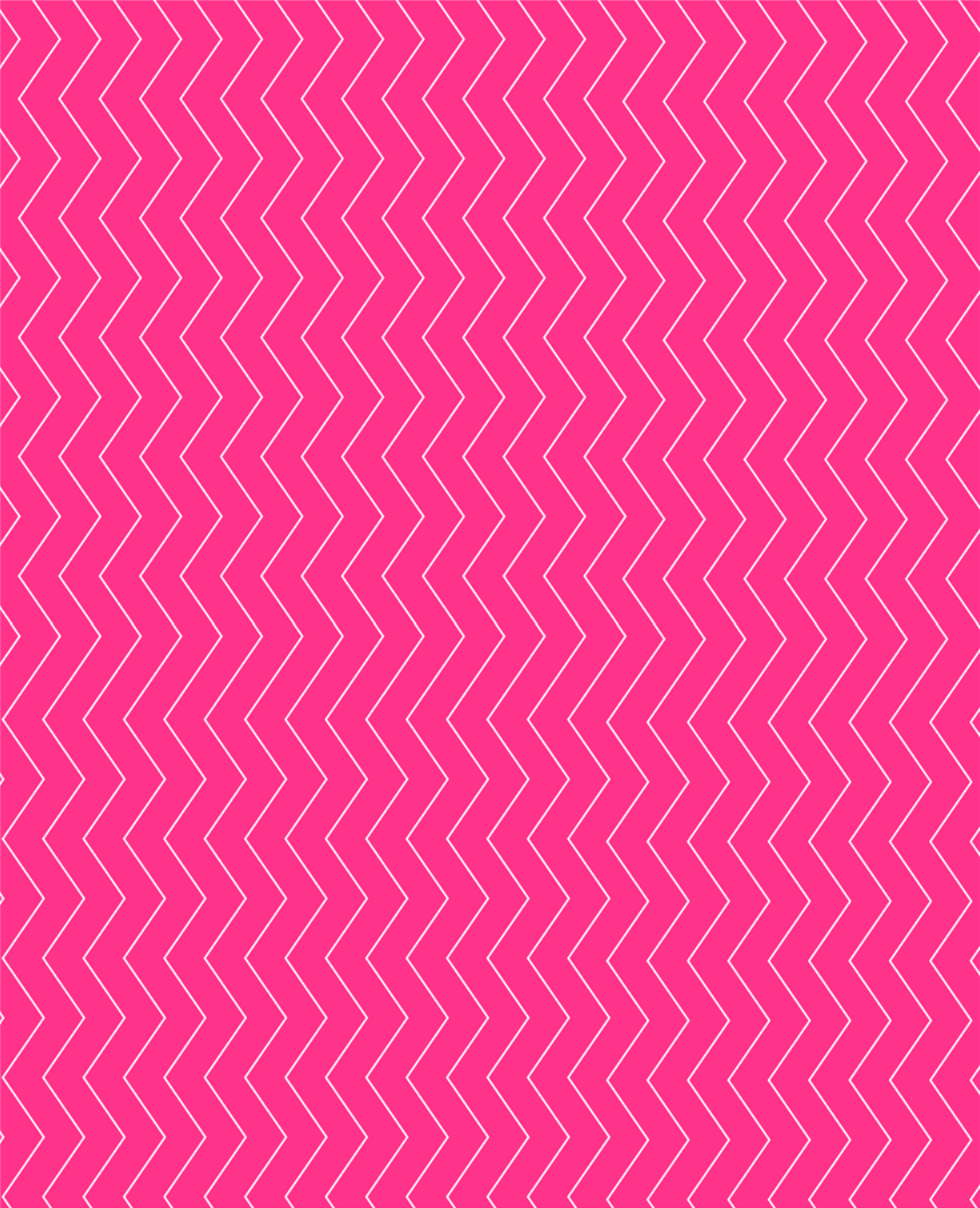


REFERÊNCIAS

- ABGL. **Manual de comunicação LGBT [2015]**. Disponível em <https://unaid.org.br/wpcontent/uploads/2015/09/Manual-de-omunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>. Acesso em 29 de mar. 2019.
- BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 23 abr. 2021.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.
- FUMAGALLI, D. R. **Estratégias discursivas para a ruptura de paradigmas de gênero em livros infantis da Coleção Antiprincesas. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15460/DIS_PPGCOMUNICACAO_2018_FUMAGALLI_DESIREE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 mar. 2019.**
- MODEFICA. **Tire o Racismo do seu vocabulário, 2015**. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/expressoes-rascistas/#.XJ5VoRNKgdU>. Acesso em: 29 mar. 2019.
- REIS, N. dos; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan./abr. 2016. Disponível em https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/7045/pdf?fbclid=IwAR1M2CkxVfimARxPBp_6loHrQeO93jtxKc8AXr9Z1PDSmVv9_ff69dwa1Qo. Acesso em: 29 mar. 2019.
- SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o uso não sexista da linguagem**: o que bem diz bem se entende. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Manual-para-uso-n%C3%A3o-sexista-da-linguagem.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.
- SENADO FEDERAL. **Linguagem inclusiva**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/linguagem-inclusiva>. Acesso em: 29 mar. 2019.



www.nospesquisacriativa.com
facebook.com/nospesquisacriativa
Instagram: [@nospesquisacriativa](https://instagram.com/nospesquisacriativa)



UFSM
Pró-Reitoria de
Extensão